



As Maravilhosas Histórias de um Curitibano: Um Perfil Literário¹

Isadora Hofstaetter²

Elza Aparecida de Oliveira Filha³

Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

A reportagem perfil “As Maravilhosas Histórias de um Curitibano” conta a trajetória de Roberto Antônio Pitella Júnior, psicólogo por formação que abandonou a carreira para tornar-se fotógrafo. Um cidadão comum, que tem como objetivo de vida mostrar para o filho que os sonhos não podem ficar apenas no verbo. Fruto de trabalho apresentado na disciplina de Produção Jornalística III, do curso de Jornalismo da Universidade Positivo, sob orientação da professora doutora Elza Aparecida de Oliveira Filha, o texto aponta uma forma de produção de perfil através do estilo literário, que além de atrair o leitor, aprofunda a abordagem por técnicas de entrevista.

Palavras-chave: jornalismo; perfil; informação; literatura

1. INTRODUÇÃO

Mais do que deixar o texto esteticamente atraente, o jornalismo literário ultrapassa barreiras e experimenta, junto da quebra de regras e receitas, o aprofundamento. Diante da complexidade de um personagem, a construção da narrativa torna-se um quebra-cabeça que atrai, não só pelo personagem e suas histórias, mas pelas alternativas textuais do jornalista-autor. O perfil literário produz informação e literatura por meio de apuração rigorosa, técnicas de entrevista e sensibilidade.

O jornalismo literário, no Brasil, pode ser entendido de três formas, segundo Pena (2006): por alguns autores é definido como apenas um período da história do jornalismo (século XIX), por outros é considerado como a crítica literária veiculada em jornais, e pode ser também identificado como parte do movimento *New Journalism*, iniciado pelos norte-americanos na década de 60, onde se aplica técnicas literárias na construção de reportagens, biografias, romances-reportagens e ficção-jornalística.

Nesta perspectiva, o presente trabalho propôs a criação de uma reportagem perfil dentro dos conceitos do Jornalismo Literário, considerando que este é parte do movimento *New Journalism*. O produto, “As Maravilhosas Histórias de um Curitibano”, narra aspectos da vida de um cidadão comum (isento de reconhecimento público,

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornalismo Interpretativo.

² Aluna autora e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: isahofstaetter@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: elza@up.edu.br



atividade política, histórica) com base em entrevistas em profundidade e produção de texto.

2. OBJETIVO

O projeto tem o objetivo de demonstrar, a partir de argumentos teóricos e práticos, que há possibilidade de fazer jornalismo utilizando como fontes pessoas diferentes dos definidores primários (fontes oficiais). Além disso, defender a construção narrativa com estilo literário, aumentando a profundidade do produto jornalístico.

3. JUSTIFICATIVA

Em resposta à imprensa amarela – nome dado ao jornalismo sensacionalista típico do fim do século XIX e início do século XX – nasce, nos Estados Unidos, o conceito de jornalismo reprodutor da realidade. O aprimoramento da técnica jornalística com base nas ciências exatas faz surgir o lead, a necessidade de objetividade e a lei das três fontes. Segundo Lage (2001, p.66) esta lei estabelece a necessidade de somente “confiar inteiramente em histórias contadas por três fontes que não se conhecem nem trocaram informações entre si”. De acordo com o autor, “o conjunto de técnicas surgido na América terminou sendo o mais adequado para a situação gerada na sociedade industrial madura”, e assim, profissionais do mundo aderiram às normas básicas de produção de texto jornalístico. Ainda em voga nos dias atuais, essas técnicas tomam conta do jornalismo diário, que, inclusive pela velocidade dos fatos e a pressão do *deadline*, adotou-as como formato.

Na década de 60, alguns jornalistas – também norte-americanos – ousaram fugir à regra. Através da “aplicação das técnicas ficcionais a textos de não-ficção”, criaram uma corrente denominada *New Journalism* (BUENO, 1994, p.7). Para Lima (1993), a reportagem mais solta, escrita com criatividade, é uma tendência da modernidade de algo que sempre existiu através da escrita de “jornalistas rebeldes”. Dentre os nomes mais conhecidos da corrente estão Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer. No Brasil, Fernando Morais, Caco Barcelos.

As diferenças existentes entre o jornalismo convencional e o jornalismo literário, além de estarem relacionadas ao enfoque dado e ao posicionamento do autor diante dos fatos narrados, são de natureza eminentemente estilística, e dependem da capacidade criativa do escritor. Tentando sistematizar o conhecimento, é possível perceber na prática do Jornalismo Literário características estilísticas inerentes

tanto ao jornalismo quanto à literatura. São elas: imersão na realidade, fidelidade factual, exatidão documental, responsabilidade social, subjetividade, preocupação formal, estilo autoral e seleção vocabular (ROSMANINHO, 2004, p.4).

Tom Wolfe (1977, p.14) define o jornalismo literário como sendo uma forma de “descrever a realidade tão detalhada e fielmente quanto possível, conferindo a tal descrição um tratamento até então destinado exclusivamente ao romance ou ao conto”. Em seu livro, *El Nuevo Periodismo*, Wolfe (1977) trata de relacionar características do Jornalismo Literário: ponto de vista da terceira pessoa, construção cena a cena, diálogo realista, descrição significativa, caracterização composta, nova linguagem jornalística (abandonando técnicas como o lead, pirâmide invertida, etc), metajornalismo, e a linguagem visual através de exclamações e outros sinais visuais no decorrer do texto. Fazendo uma crítica ao jornalismo diário, Pena (2006) também defende o jornalismo literário como forma de aprofundamento.

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p. 13).

Muito utilizado em biografias, a técnica do jornalismo literário raramente encontra espaço no jornalismo diário, ficando, na maioria das vezes, restrita a livros-reportagem.

Fazendo um paralelo entre jornalismo literário e a produção de perfis, que segundo Vilas Boas (2003) diferenciam-se das biografias por poderem narrar apenas parte da história de personagens, o mesmo autor aponta que no jornalismo atual não há espaço para a produção de perfis e que, quando eles “acontecem” necessitam de um gancho, ou seja, um aspecto noticioso para justificar a construção de um perfil jornalístico. Essa atitude, explica o autor, acaba fazendo com que a notícia (o lançamento de um livro, disco, um show, uma atitude política) seja mais importante do que a personagem em questão, fugindo muitas vezes do foco do perfil. Vilas Boas (2003, p.11) defende que se deve trazer à tona “o evento da entrevista, a vida do personagem, sua trajetória, seus altos e baixos, suas realizações”.

Outro método jornalístico pouco aplicado nas redações e que, constantemente afeta a divulgação de informações, diz respeito à variação de fontes. Segundo Medina (2001) quanto mais industrial for o processo jornalístico dentro de uma instituição, mais



há imediatismo na escolha das fontes e assim, o risco de ficar sempre com os mesmos entrevistados aumenta. A autora fala sobre a agenda de telefones, sempre à mão de pauteiros, repórteres e editores, onde os nomes mais comuns são de fontes oficiais e oficiosas.

São, quase sempre, figuras proeminentes de cada setor, cuja palavra se mede pelo poder que representam. E quando se quer dar um pouco de tom popular à reportagem, joga-se o repórter (em geral, se iniciando na profissão) na rua, ele vai lá e colhe depoimentos do povo (MEDINA, 2001, p. 26).

As fontes oficiais ou oficiosas, segundo Lage (2001) são as mantidas pelo Estado; por organizações que respondam pelo Estado; ou ainda por empresas (sindicatos, associações). As oficiosas, porém, como não estão autorizadas a falar em nome dessas instituições, podem ser desmentidas. Lage complementa a definição de fontes oficiais lembrando que, autores de todas as épocas, afirmam que elas falseiam a realidade. Também para Pena (2005, p.62), “as fontes oficiais são sempre mais tendenciosas”.

Dentro da definição de fontes, Lage (2001) ainda aponta para outras possibilidades: as fontes primárias e secundárias, sendo as últimas os funcionários ou alguém que possa sugerir dados para complementar a pauta jornalística e as primárias os próprios entrevistados; e também as fontes testemunhais e experts, sendo que as testemunhais utilizam a emoção e o recurso da memória recente e, as fontes experts seriam as especialistas no assunto.

A seleção de fontes faz parte do processo jornalístico. É necessário que as vozes dos veículos de comunicação sejam variadas e com diferentes visões sobre determinado assunto em discussão. Porém é importante destacar também que a entrevista, sendo fundamental para a construção de produtos jornalísticos e essencial para a elaboração de textos com profundidade, necessita de técnica e deve deter a atenção do autor.

No livro, *Entrevista: O Diálogo Possível*, Medina (2001) defende uma proximidade entre o entrevistador e o entrevistado, destacando que é necessário enxergar o lado humano e psicossocial do momento da entrevista. A área da interação social envolve, além da técnica, um compromisso com a comunicação coletiva. Deixa-se o terreno exclusivo do desempenho individual do técnico, para se valorizar seu papel social (MEDINA, 2001, p. 29).



Para Lage (2001) a entrevista pode ser, do ponto de vista dos objetivos: ritual; temática; testemunhal; ou em profundidade. Para a construção de perfis, como o proposto por este trabalho, a entrevista figura-se como sendo em profundidade.

O objetivo da entrevista, aí, não é um tema em particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões (LAGE, 2001, p. 75).

Outra classificação que Lage (2001) aponta é quanto às circunstâncias de realização da entrevista, que pode ser: ocasional; confronto; coletiva; ou, dialogal. No caso do presente trabalho, a entrevista foi realizada de forma dialogal, ou seja, marcada com antecedência, com horário e local definido.

Partindo da premissa que há, atualmente, uma lacuna no jornalismo diário no que diz respeito a entrevistas em profundidade, variação de fontes e também, diversidade de estilo textual, a reportagem perfil “As Maravilhosas Histórias de um Curitibano” coloca-se como um diferencial que poderia ser melhor explorado pelos veículos de comunicação.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Os métodos e técnicas utilizados para a elaboração da reportagem perfil foram pesquisas teóricas acerca de jornalismo literário, fontes jornalísticas e entrevistas em profundidade, cujas referências bibliográficas estão indicadas no item 7. Referências Bibliográficas. Antes da realização da entrevista, foi produzido um levantamento a respeito do entrevistado e a elaboração de um roteiro base, que apontava questões diretas.

Para a produção do texto foi realizada uma entrevista dialogal e em profundidade com o personagem, Roberto Antônio Pitella Júnior, com duração de duas horas e, também, observação do mesmo durante evento familiar. A repórter estava presente de forma participativa e colheu informações a respeito da personagem junto de outras três fontes: o filho do entrevistado, Téo Villas Bôas Pitella; a namorada, Greice, e a avó, Sra. Argentina Pitella.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO



A reportagem perfil “As Maravilhosas Histórias de um Curitibano” foi construída em narrativa literária utilizando a descrição cena a cena, com riqueza de detalhes e aprofundamento na vida da personagem. Dividida em três retrancas, a reportagem aborda – em cada subdivisão – os seguintes aspectos: a infância da personagem; seu modo de pensar (viver); e, finalmente, sua vida atual com aspirações para o futuro.

Fruto de um trabalho de imersão na vida da personagem, a reportagem “As maravilhosas histórias de um curitibano” foi produzida para a disciplina de Produção Jornalística III da Universidade Positivo, sob orientação da Profª Dra. Elza Aparecida de Oliveira Filha. A reportagem perfil foi publicada no LONA, único jornal-laboratório diário do Brasil produzido pelos alunos e professores de jornalismo da Universidade Positivo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa diária tem deixado pouco espaço para reportagens não factuais, que explanem sobre a vida em sociedade, sejam aprofundadas e com sensibilidade. A pressão do deadline e os modos atuais de produção limitam a escolha de fontes e temas para serem discutidos e, como aponta Vilas Boas (2003, p.12) hoje faltam “reportagens hipnotizantes, aquelas que nos fazem esquecer o pão dentro da torradeira no café da manhã”. Para não incentivar esse círculo vicioso no qual a imprensa atual está os jornais-laboratórios e as universidades devem oportunizar a experimentação textual para que os futuros profissionais valorizem o trabalho detalhado, aprofundado e literário. O oferecimento de produtos com níveis de qualidade diferenciados pode representar a sobrevivência dos veículos impressos, ameaçados hoje pelo advento das novas mídias.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Eduardo. **O velho 'New Journalism' está de volta** in Zero Hora, Segundo Caderno. Porto Alegre: 10 de abril de 1994.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista o Diálogo Possível**. São Paulo: Ática, 2001.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.



_____. Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2005.

ROSMANINHO, Andreia. **O gênero jornalístico-literário**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2004.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004. Volume1.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WOLFE, Tom. **El Nuevo Periodismo**. Barcelona: Anagrama, 1977. Disponível em:
<www33.websamba.com> Acesso em 5 de abril de 2009.